

A FUNÇÃO DO EDUCADOR FÍSICO NO ENFRENTAMENTO DO FENÔMENO BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR

Thécia Pontes Costa

Licenciada em Educação Física/ISECENSA/RK
theciapontes@yahoo.com.br

Nilo Terra Arêas Neto

Mestre em Ciências da Motricidade Humana/UCB/RJ
terra.nilo@gmail.com

Emerson da Mota Saint'Clair

Mestre em Ciências da Atividade Física/UNIVERSO/RJ
emerson.saint@yahoo.com.br

Maurício Rocha Calomeni

Mestre em Ciências da Motricidade Humana/UCB/RJ
mauriciocalomeni@gmail.com

RESUMO

O *bullying* é um fenômeno devastador podendo vir a afetar a auto-estima e a saúde mental dos alunos de uma escola. Pode desencadear alguns problemas de saúde tais como a anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. O objetivo deste trabalho foi identificar o fenômeno bullying no ambiente escolar e a posição do professor de Educação Física perante os acontecimentos nas aulas. Dessa forma o presente estudo justifica-se por abordar um tema de grande relevância social, além de levantar na literatura científica recente trabalhos que apresentam propostas de combate ao bullying que possam ser desenvolvidas pelos educadores físicos na escola. Os resultados mostraram que os sentimentos relacionados ao fenômeno são variados, sendo categorizados como aspectos de caráter negativo. Por fim, constatou-se que mais estratégias precisam ser determinadas e executadas para amenizar o fenômeno bullying nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física; *Bullying*; Ambiente escolar.

ABSTRACT

Bullying is a devastating phenomenon could potentially affect self-esteem and mental health of students in a school. Can trigger some health problems such as anorexia, bulimia, depression, anxiety and even suicide. The objective of this study was to identify the phenomenon of bullying in the school environment and the position of professor of physical education classes at the events. Thus the present study is justified because it addresses a topic of great social relevance, besides raising the recent scientific literature works that present proposals to combat bullying that may be developed by physical educators in school. The results showed that the feelings related to the phenomenon are varied and classified as aspects of a negative character. Finally, it was found that more strategies need to be determined and implemented to alleviate the bullying phenomenon in physical education classes.

Keywords: Physical Education; *Bullying*; school environment

1. INTRODUÇÃO

Entende-se que o *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto à própria escola. Apesar de os (as) educadores (as) terem consciência da problemática existente entre agressor (a) e vítima, poucos esforços foram despendidos para o seu estudo sistemático até princípios da década de 1970 (FANTE, 2005).

Antunes e Zuin (2008) confirmam que atualmente o fenômeno denominado *bullying* é há muito conhecido pela humanidade, mas que ganhou nova nomeação pela ciência pragmática que se ilude ao tentar controlá-lo via classificação e aconselhamentos. Somando-se a isso, sua assimilação torna-se imediata numa sociedade que se pretende cinicamente cosmopolita, sem sê-lo de fato, pois o que assusta e fere a moral burguesa, hegemônica em nosso tempo, é a forma como tem se manifestado no ambiente escolar e as consequências que tem trazido, e que tem como exemplos mais extremos de suicídios e ataques armados às comunidades.

Mesmo com a conscientização dos (as) educadores (as), existem dificuldades de se atuar perante o fenômeno uma vez que as escolas proporcionam espaços onde ainda é possível a ocorrência do *bullying*, por exemplo, pátios e recreios, que devido a menor fiscalização permitem a atuação dos (as) agressores (as). Segundo Botelho e Souza (2007) o recreio é um período que os (as) professores (as) utilizam para seu descanso ou para preparar materiais das próximas aulas, e, durante este período, muitos discentes podem praticar, sofrer e testemunhar ações de *bullying*. Tais ações por sua vez podem originar lesões graves (como fraturas), decorrentes de brigas que muitas vezes são resultado da prática de atividades físicas desorientadas.

A definição do termo *bullying*, palavra de origem inglesa adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Em alguns países existem outros termos para conceituar esses tipos de comportamentos. *Mobbing* é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; *mobbing*, na Suécia e na Finlândia. Esses termos são utilizados com significados e conotações diferentes. Sua raiz inglesa, *mob*, refere-se a um grupo grande e anônimo de pessoas que geralmente se dedica ao assédio. Quando, porém, uma pessoa atormenta, hostiliza ou molesta a outra, o termo utilizado para caracterizar esse comportamento é *mobbing* (FANTE, 2005).

A palavra *bullying* ainda é desconhecida de uma maioria. Usa-se esse termo sem tradução específica, para denominar a agressão de meninos e meninas no ambiente escolar.

Está claro, e até mesmo os (as) pesquisadores (as) do *bullying* admitem, conforme apresentado inicialmente, que na ocorrência da violência discutida estão envolvidos aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e individuais. No entanto, é importante ressaltar que, tais fatores devem sim ser analisados, problematizados e interpretados, pois não basta mencioná-los. Assim, os fatores individuais fazem referência ao desenvolvimento da personalidade nesse ambiente, e os culturais, além de se referirem à sociedade que limita o desenvolvimento em uma direção específica, também se referem às condições objetivas da incidência dessa violência.

O *bullying*, tal como conceituado, não é, de maneira alguma, uma simples manifestação da violência sem qualquer fator determinante. Antunes e Zuin (2008), Placios e Rego (2006) e ABRAPIA (2003) corroboram que o *bullying* se aproxima do conceito de preconceito, principalmente quando se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores, sendo identificados por ações como “colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences.

Segundo as pesquisas feitas por Tognetta e Vinha (s.d), as explicações para os fenômenos do *bullying* atualmente parecem concordar com aquelas que discutem a violência em geral. Por certo, podem ser encontrados casos de *bullying* em diferentes classes, idades, etnias e gêneros.

Na seção seguinte, será apresentado o material científico estudado sobre a violência na escola, as relações de gênero e Bullying, as conseqüências do Bullying, Educação Física Escolar e suas contribuições para minimizar o Bullying e a relação professor-aluno.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.2. Violência na Escola

A violência nas escolas é um fenômeno que produz marcas e contribui para rupturas acerca das concepções da educação escolar como lugar de socialização, de aquisição e construção de conhecimentos, de formação do cidadão e de veículo por excelência do exercício e da aprendizagem, da ética e da comunicação dialógica e, portanto, antítese da violência (ASSIS et al, 2010).

Todavia Carrano (2009) afirma que há possibilidade de que o fenômeno não se restrinja apenas à escola, mas que ele se espalhe por toda a sociedade caso não seja controlado a tempo. As pessoas costumam identificar a violência escolar como fenômeno relativamente novo, algo que teria surgido nos anos 80 e se desenvolvido nos anos 90. Porém trata-se de um fenômeno antigo em todo o mundo e que configura um *problema social*, podendo ocorrer, conforme já classificado pela ciência e adotado pelo senso comum, como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno, entre outros. Dessa forma o fenômeno é tão visível, que sindicatos de professores incorporaram a defesa da integridade física e moral dos (as) professores (as) em suas pautas de reivindicações.

Pesquisadores como Abramovay e Castro (2003) ao pensarem em violência na escola, corroboram que agressão, vandalismo e desrespeito com o outro, levam os (as) professores (as) e funcionários a procurarem estratégias para minimizar o fenômeno, isto é, criam programas de assistências e reuniões em sindicatos na busca de proteção e apoio.

As práticas de violência nas escolas devem ser compreendidas por meio da análise social, das formas de organização e das forças objetivas da sociedade, e de como tais forças se materializam e se calcificam nos sujeitos que se desenvolvem neste meio. Estudar a violência requer também este impulso crítico, tanto nas análises teóricas quanto na interpretação dos dados, de modo a mostrar suas múltiplas tensões e questionar o sentido social dos fenômenos singulares encontrados. Por meio dessa análise reveladora das construções sociológicas, políticas, econômicas e ideológicas, talvez se possa pensar numa outra forma de educação que não regida pelos imperativos que impedem a emancipação ao forçar a repressão e a adaptação. Ou seja, outra forma de educação que não seja ela própria barbárie (ANTUNES e ZUIN, 2008).

De acordo com Teixeira (2006) a identificação precoce do comportamento *bullying* nas escolas possibilita uma intervenção terapêutica a fim de se evitar prejuízos acadêmicos e no relacionamento social dos (as) alunos (as) envolvidos (as). Portanto, na identificação precoce precisa-se de um trabalho de conscientização dos (as) professores (as), pais, mães e alunos (as) para resultar numa qualidade considerável. Além disso, devem envolver outras áreas do conhecimento, por exemplo, saúde, comunicação social, de assistência social, sociologia e a área jurídica, sobretudo, ao se depararem com o *problema social* poderão contribuir para a busca de soluções eficazes (CARVALHOSA, LIMA, MATOS, 2001; SILVA, 2010).

2.2. Consequência do Bullying na Família

É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não-violentos de lidar com seus próprios sentimentos, emoções e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais. Portanto, é nesse contexto que a criança deveria aprender a criar mecanismos de defesa e de auto superação, desenvolver atitudes e valores humanistas que a estruturam psicologicamente e norteiem seu desenvolvimento social (FANTE, 2005).

Cada um de nós possui uma personalidade, e são os traços dela que definem, em grande parte, nossos interesses, gostos, nossas aversões, reações perante os acontecimentos da vida e, sobretudo, o modo como nos relacionamos com as demais pessoas. Afinal de contas, os seres humanos são criaturas sociais. A personalidade resulta da interação do temperamento com a grande variedade de situações que vivenciamos ao longo do tempo. O temperamento diz respeito aos traços biológicos que herdamos (material genético) de nossos familiares. Já a nossa história psicológica é formada por uma gama de comportamentos e sentimentos que desenvolvemos como resposta às diversas circunstâncias da vida (SILVA, 2010).

Porém, é dentro de casa que começam os maus-tratos devido à desestruturação familiar. Isso ocorre muitas vezes porque os pais se vêem cada vez mais obrigados a trabalhar mais e mais para o sustento da família, e o tempo livre é substituído pela televisão e outros atrativos que não suprem as necessidades afetivas. Não é o contexto que determina tais condutas agressivas, assim como não é a genética a grande vilã dessa história, e sim como esses meninos e meninas se vêem diante desse meio e constroem suas personalidades integrando tudo aquilo que foram valorizando durante suas vidas, podendo, assim, tornarem-se resilientes (TOGNETTA e VINHA, s.d.).

2.3. Relações de Gênero e *Bullying*

Os resultados encontrados nos estudos de Carvalhosa, Lima e Matos (2001) são consistentes com a literatura no que diz respeito às relações de gênero e à diferença de idade e escolaridade. Os rapazes envolvem-se mais em comportamentos de provocação, vitimação e envolvimento duplo; também alunos mais novos são mais frequentemente vítimas, e a frequência de serem ameaçados diminuiu à medida que aumenta a idade.

Enquanto as meninas fazem *bullying* na base dos mexericos e intrigas, os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais. Vale ressaltar que, principalmente entre os meninos, o cabeça ou líder do grupo de agressores, em geral, é o mais esperto, observador e frio. Onde na maioria das vezes não é ele o agressor diretamente, mas induz outros meninos a fazerem isso, para uma aceitação da turma (SILVA, 2010).

2.4. Educação Física Escolar

Schreiber, Scopel e Andrade (2005) mostram que a educação física escolar engloba o conhecimento e desenvolvimento de seus alunos, não só pela capacidade motora, mas também pelo desenvolvimento da capacidade de transformação pessoal, aspecto fundamental para melhoria do ambiente social. Atitudes como o desinteresse pela aula, revolta em caso de derrota em jogo competitivo, ou rebeldia e agressividade frente a situações do cotidiano das aulas devem ser levadas em conta pelo professor. Cabe ao professor buscar meios de aplicação para as novas atividades propostas.

Segundo Daolio (2004 *apud* NUNES e COUTO, s.d.), essa tentativa de mudança na concepção de educação física afirma que “cultura é o principal conceito para a educação física”. Sob a perspectiva que o movimento humano é o nosso foco de estudo, ressalta-se que o caráter social e cultural que a educação física deve exercer em seus alunos não pode ser deixado de lado, transmitindo e ensinando conhecimentos que transformem a realidade social dos educandos.

Segundo Ferraz (2004) e Schreiber, Scopel e Andrade (2005), a ação do professor de educação física é orientada por uma abordagem holística, podendo se caracterizar por uma intervenção preventiva e pedagógica. Todavia, o que a educação física escolar não pode deixar de fazer é veicular conhecimentos teórico-práticos no sentido de proporcionar aos alunos elementos que lhe garantam autonomia para que no futuro, possam:

- a. Gerenciar sua própria atividade motora com objetivos de saúde;
- b. Atender adequadamente suas necessidades e desejos nos movimentos do cotidiano;
- c. Atender suas aspirações de lazer relacionadas a cultura de movimento;

A escola, portanto, amplia, organiza e formaliza uma aprendizagem que se inicia e continua no seio da família e no grupo social com o qual se vive. Esse pressuposto, aplicado às diversas disciplinas curriculares como a matemática e as ciências, por exemplo, gerou um conhecimento sistematizado que tem claro seu objetivo específico no processo de escolarização. Contudo, ao se olhar mais atentamente para a educação física, vê-se que o mesmo não ocorre. Observando-se a realidade que a educação física ocupa na escola, constata-se um componente curricular sem uma clara definição de sua função no contexto educacional. Isto tem gerado uma prática pedagógica sem sua especificidade devidamente caracterizada e por isso mesmo com dificuldade de interagir com outras disciplinas curriculares. Apesar de ser instituída legalmente como um componente curricular e até mesmo reconhecido como fundamental para o desenvolvimento do aluno, a educação física, de fato, parece estar presente na escola, essencialmente como simples atividade (FERRAZ, 2004).

A educação física tem como objetivo disseminar conteúdos, teóricos e práticos, sistematizando sobre movimento corporal e co-relacionando a cultura e o social. Buscando apresentar e educar para que se possa obter uma boa qualidade de vida com a prática de exercícios e modalidades esportivas (FERRAZ, 2004). Com relação à violência, Botelho e Souza (2007) asseveram que uma vez iniciadas na educação infantil, estratégias de prevenção e de controle ao *bullying* deverão acompanhar o estudante pelas etapas de ensino fundamental e médio, sendo inseridas como conteúdo específico da disciplina de educação física.

A importância da Educação Física escolar foi ressaltada no "Manifesto Mundial da Educação Física"- FIEP/2000 (*Fédération Internationale D'Éducation Physique*), que no capítulo XVI, tratou da "educação física e seu compromisso contra a discriminação e a exclusão social", concluindo que "a educação física deve ser utilizada na luta contra a discriminação e a exclusão social de qualquer tipo, democratizando as oportunidades de participação das pessoas com infra-estruturas e condições favoráveis e acessíveis" (CHAVES, 2006).

A Educação Física possui uma tradição técnico-pedagógica de pelo menos um século e meio em estratégias de ensino nos campos da ginástica, recreação, esporte e atividades rítmicas e expressivas. É oportuno observar que na Educação Física não há delimitação clara entre conteúdos e estratégias; muitas vezes, eles se confundem. Por exemplo, o jogo pode ser visto como lúdico, porém, pode ser uma estratégia de ensino ou um conteúdo a ser dado (BETTI e ZULIANI, 2002). Assim sendo é possível para o professor de educação física desenvolver um relacionamento aluno/professor que permita abordar temas como *bullying* de variadas formas.

2.5. Relacionamento Aluno/Professor nas Aulas de Educação Física

Bróglia, 2003 *apud* Costa (2007) aponta que a relação professor-aluno pode ser afetada pela falta de vínculo com seus alunos, pela falta de transformações em nas aulas e de tempo de organizar as aulas. Contudo para os educadores, a violência se evidencia mais em relação aos alunos. Eles é que são violentos e, geralmente, os professores não se percebem promovendo atitudes de violência para com os alunos.

Para Botelho e Souza (2007) uma boa estratégia oriunda da relação professor aluno seria o professor eleger um caso de *bullying* que tenha ocorrido durante sua aula e, imediatamente, utilizar a atividade de clarificação de valores. Nesta atividade, sugere-se o uso das perguntas clarificadoras, ou seja, um tipo de exercício de clarificação de valores que estimula o aluno a esclarecer seus pensamentos e suas condutas. Eis algumas perguntas clarificadoras que devem ser utilizadas com os alunos envolvidos (de preferência na frente da turma).

- Isso é algo que você aprecia?
- Está contente com isso?
- Como se sentiu quando aconteceu?
- Você dá valor a isso?

Importante ressaltar que ao eleger um caso do fenômeno *bullying*, o professor deve buscar aplicar a atividade esclarecedora de forma não brusca, pois poderá ter respostas negativas e até constranger a quem é aplicado.

Como estratégia didática para prevenção do *bullying*, cabe ainda destacar que o professor deve ter cuidado para não se tornar um agressor. Para isso, deve atentar para algumas situações: como fazer correções pedagógicas não ridicularizando ou rotulando alunos; não colocar apelidos e nem fazer ameaças e comparações (CHAVES, 2006 *apud* BOTELHO e SOUZA 2007, p 152). Sabe-se que a violência na escola surge de fatores externos e internos a ela. Os fatores externos estão relacionados a influência do contexto social, familiar e dos meios de comunicação, e os internos pela influência do clima escolar, das relações interpessoais e da relação professor – aluno (FURTADO e MORAIS, 2010).

O bom professor conhece seus alunos e adapta o ensino as suas necessidades, incorporando a experiência do aluno ao conteúdo e incentivando sua participação; reflete e pensa sobre sua prática; domina conteúdo e metodologia para ensiná-lo; aproveita o tempo útil, tem poucas faltas e interrupções; aceita responsabilidade e as exigências dos alunos e do seu trabalho; usa eficientemente o material didático, dedicando mais tempo às práticas que enriquecem o conteúdo; fornece feedback constante e apropriado; fundamenta o conteúdo na unidade teórico – prática; comunica aos alunos o que espera deles e o por que (tem objetivos claros); sugere estratégias meta - cognitivas para os alunos e as exercita; estabelece objetivo cognitivo tanto de alto quanto de baixo nível; integra seu ensino com outras áreas.(MAGALHÃES e ARANTES 2009).

2.6. Propostas de Intervenção nas Aulas de Educação Física

Gomide (2000) e Petarnella et all (2009) mostram que filmes podem influenciar as atitudes de crianças e adolescentes de forma acentuada. Em seus estudos indivíduos que assistiram filmes violentos demonstraram agressividade e aqueles que assistiram aos filmes infantis, ou de cooperação, demonstraram um comportamento mais sereno, ou de apoio ao companheiro. Assim o filme não deve ser trabalhado de forma casual. Este recurso precisa de atenção e tratamento especial, pois pode ser uma ferramenta maravilhosa dentro do contexto escolar e da realidade sócio-cultural que pode ser utilizado pelos profissionais de educação física escolar.

Nesse sentido a Educação Física Escolar crítica, propõe um modelo de superação das questões sociais, das injustiças e da desigualdade. Portanto, deve o professor interagir em suas aulas, utilizar abordagens sociais, econômicas e políticas, que levem a superação das desigualdades sociais (BRASIL, PCN – Educação Física, 1998, p. 25). A educação física possui muitas ferramentas de trabalho, e é muito conhecida como uma matéria interdisciplinar (BETTI, 1997), podendo trabalhar assuntos transversais sem fugir do que a LDB objetiva para as aulas de educação física escolar.

Com a aproximação da mídia com o campo escolar, tendo como base principal as produções realizadas no campo da pesquisa, as imagens nos fazem refletir sobre o papel da educação física escolar e sua relação com a cultura contemporânea (OLIVEIRA e PIRES, 2005). Acredita-se na utilização de processos midiáticos no ambiente escolar para que ocorra a aproximação dos professores com os alunos, para que as experiências vividas se materializem, deixando de lado uma visão apenas conteudista (OLIVEIRA e PIRES, 2005).

Com relação à diferença de gêneros, percebe-se que os professores e colegas vêem os meninos mais agressivos do que as meninas, porém estes não percebem esta diferença (LISBOA, 2005).

2.7. Métodos de Combate ao Bullying

Programas anti-*bullying* podem ser criados nas escolas com o objetivo de oferecer orientação aos pais, professores e alunos, ajudando no desenvolvimento de estratégias para lidar com o problema e promovendo a criação de medidas de controle do comportamento, visando principalmente conscientizar todo o universo escolar e orientar como é importante o apoio às vítimas (TEIXEIRA, 2006 e FANTE, 2005).

As ações anti-*bullying* visam tornar o ambiente escolar um local saudável, seguro e acolhedor para crianças e adolescentes, favorecendo a promoção da aprendizagem e estimulando uma cultura pacifista (TEIXEIRA, 2006).

Tognetta e Vinha (s.d.) e Lopes Neto (2005), afirmam que, para se ter a implantação de projetos anti-*bullying*, deve-se ter o envolvimento de funcionários e familiares na prevenção deste, com aplicações de normas, diretrizes e ações.

Outras estratégias relevantes para a prevenção desse fenômeno seriam a elaboração e a utilização, em aulas de educação física, de materiais impressos, como livros infantis, infanto-juvenis, gibis ou literatura de cordel, que discutam criticamente o *bullying*. Tais materiais, além de excelentes recursos pedagógicos, tem uma maior disseminação entre as crianças (BOTELHO e SOUZA, 2007).

Para Neto (2004) “a escola deve propor em conjunto com professores, alunos e pais estratégias preventivas no intuito de tornar mais eficaz o combate a esse tipo de violência, e melhorar o ensino” (FURTADO e MORAIS, 2010). Sendo de suma importância que a instituição de ensino, capacite e oriente os seus educadores sobre essa problemática. Uma boa alternativa trazida pela ABRAPIA é:

Incluir no currículo a abordagem ao problema *Bullying*, através da discussão de textos e de simulações, visando sensibilizar os alunos e alertando-os para que não sejam obrigados a sofrer em silêncio. Organizar ações de formação para todos os setores envolvidos sobre a temática e todas as suas implicações é também um vetor de combate e prevenção do *Bullying* (SIQUEIRA, 2008).

Nesse contexto em uma escola pública da periferia de Ribeirão Preto-SP, foram propostos, na disciplina de educação física, três projetos pedagógicos, com a intenção de minimizar a indisciplina escolar: Projeto Monitores da Bagunça, Projeto Reciclar e Projeto Cidadão. Esses projetos propunham o "envolvimento do aluno" em algumas práticas de fácil compreensão para ele e principalmente a sua "conscientização moral e ética", na tentativa de diminuir as dificuldades de relacionamento.

Conversar com os alunos foi o ponto de partida para tentar a mudança na conduta do aluno indisciplinado. A disciplina de educação física possibilita uma maior proximidade com o aluno devido ao contato físico, ao maior espaço disponível na sala de aula (quadra), à maior desinibição dos alunos, à maior aceitação dos conteúdos e da disciplina e a uma maneira quase sempre diferente do aluno “ver” e “sentir” o professor de educação física dentro do contexto escolar.

Nesses momentos de conversas, foi possível perceber que alguns alunos mostravam-se perturbados com suas vidas, com suas relações familiares e sociais e tinham muita vontade de mudar, porém sem saber como. Os relatos evidenciavam que alguns alunos enxergavam a escola, os professores e suas próprias obrigações dentro dela como mais uma forma de penalização, sentiam-se discriminados - como se já não bastassem suas próprias vidas marcadas pela pobreza e por todo o processo de exclusão social que sofriam. Talvez por isso esse aluno agredisse, tornava-se indisciplinado, rebelava-se, pois considerava todos como inimigos. Sentia-se, por fim, incompreendido pela comunidade escolar (OLIVEIRA, 2004).

Acredita-se que a ideia de praticar atividades, faz com que os alunos indisciplinados possam extravasar a energia e esvaziar-se de maneira lúdica do sentimento de angústia.

2.8. Projeto Monitores da Bagunça

Visou a orientar positivamente o espírito de liderança dos alunos indisciplinados, delegando-lhes atribuições, direitos e deveres dentro da unidade de ensino. A princípio, poderia parecer mais uma forma de exclusão dos alunos indisciplinados, pois os mesmos foram colocados em uma lista. Porém a lista serviu para escalar alguns monitores dentro das classes a fim de ajudar no monitoramento da disciplina durante as aulas, sendo que estes monitores eram justamente os alunos tidos como indisciplinados. Aproveitava-se assim a liderança que os mesmos exerciam sobre os demais alunos e tentava-se colocá-los de maneira útil dentro da

escola. Como consequência, os outros alunos passaram a colaborar com os líderes e, nos relatórios quase diários sobre os atos de indisciplina nas salas de aula, notava-se a redução das condutas indesejadas.

Durante a realização dos jogos posteriores à implantação desse projeto, esses alunos, além de não causarem mais problemas nos jogos, apresentaram bom comportamento, ajudaram na realização das súmulas, da arbitragem e da cerimônia de premiação dos campeões. Eles pareciam sentir-se importantes pela atribuição de tarefas e, sobretudo, porque estavam sendo vistos com outros olhos por toda a comunidade escolar.

2.9. Projeto Reciclar

Esse projeto teve como objetivo conscientizar os alunos indisciplinados os quais, na maioria das vezes, eram os grandes responsáveis pelos furtos e atos de vandalismo dentro da escola, do combate ao desperdício e da preservação do meio ambiente, atitudes que os levou à reciclagem do lixo. Uma das grandes dificuldades da disciplina de educação física na escola pública é justamente a falta de material esportivo, pois não existe verba suficiente para reposição do material que se estraga com facilidade, devido às más condições de preservação das quadras, além dos roubos de bolas pelos próprios alunos.

Diante dessa carência de material e verba, foram convocados outros alunos tidos como indisciplinados, além dos que já haviam participado do projeto anteriormente descrito, para representar as equipes de suas salas. Cada sala representava uma equipe, que possuía uma cor, um nome e um grito de guerra. Os alunos indisciplinados foram colocados também à frente deste projeto como líderes de suas equipes e responsáveis pela arrecadação dos materiais. Observou-se novamente um grande engajamento dos alunos indisciplinados na tarefa de arrecadar material reciclável. Além disso, várias disciplinas discutiram as questões do combate ao desperdício, da preservação do meio ambiente e da reciclagem do lixo. Após a realização do projeto, observou-se a conscientização do aluno em relação ao fato de que as bolas e os demais materiais esportivos não eram da escola, e sim deles mesmos, pois foram eles que arrecadaram com seus próprios esforços o dinheiro para a compra do material esportivo; deveriam então zelar por aqueles materiais que eles mesmos utilizariam.

Com o projeto, conseguiu-se o engajamento dos alunos e também dos pais, que colaboraram trazendo para escola os materiais recicláveis, conscientes de que seriam revertidos em benefícios para seus próprios filhos, destacando-se também uma maior aproximação e integração entre a família e a escola, o que atualmente também representa um importante fator no processo ensino-aprendizagem.

2.10. Projeto Cidadão

Visou-se com esse projeto o ensino dos conteúdos baseados na proposta da LDB, n.º 9394/96, que de acordo com os PCNs trata dos Temas Transversais - abordando temas como educação sexual, relações de trabalho, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, drogas, objetivando uma inserção dos alunos no contexto de cidadania.

Foi o único projeto que inicialmente encontrou barreiras para ser implantado, pois os alunos resistiam a participar devido, principalmente, à diminuição das aulas práticas de Educação Física - aproximadamente 50% da carga horária da disciplina abordaria temas considerados de fundamental importância na construção de um cidadão consciente e ético dentro da sociedade. O nível de interesse dos alunos foi elevado, apesar do visível constrangimento inicial quando tinham de expor diante dos outros suas principais dúvidas sobre o assunto. Os temas que mais se destacaram foram: preservativos, homossexualidade/heterossexualidade, menstruação e períodos de fertilidade. Com o transcorrer do projeto, os alunos foram perdendo a inibição inicial e acabaram participando efetivamente das palestras ministradas com perguntas e comentários.

Um dos efeitos positivos do Projeto Cidadão foi a mudança nas relações de amizade que se desenvolveram com o professor de educação física, por estar à frente do projeto, resultando em um maior

respeito e aceitação da autoridade docente e, assim, minimizando alguns aspectos indisciplinares na referida disciplina e até mesmo dentro da escola (OLIVEIRA, 2004).

Dessa forma, pelo exposto, parece claro que qualquer estratégia bem sucedida de combate ao bullying no ambiente escolar está relacionada à interação entre jovens, adolescentes e pais.

2.11. Relação entre Jovens, Adolescentes e Pais

Para Moreira (2010), Gomide (2009) e Silva (2010) o adolescente traz para a escola a sua própria vivência e história de vida, que o faz detentor de uma série de saberes e de valores definidos pela natureza das relações que experimentou, e experimenta, em diferentes grupos sociais como a família. Assim, o conhecimento prévio é a variável mas influente no aprendizado de novos conhecimentos, pois depende da relevância que se aplica ao novo conhecimento e de sua predisposição para aprender.

Segundo Dayrell e Carrano (s.d), por um lado a preocupação com a juventude ocupa parte significativa dos noticiários, em grande proporção no contexto de circunstâncias violentas, por outro as publicações acadêmicas ainda não refletem em volume e qualidade a demanda real de análise da vida juvenil em nossas cidades e país.

Os pais e educadores desconhecem, muitas vezes, a intensidade das transformações vividas pelo adolescente. À medida que surgem as marcas do desenvolvimento do corpo, sua imagem corporal também modifica, e essas transformações trazem muita ansiedade. Ao mesmo tempo, entre a crise e o bem-estar, estes querem um trabalho, fazem projetos de vida e procuram uma identidade de vida adulta, e neste meio, ficam oscilando entre o comportamento social e a revolta (GOMIDE, 2009). Pais e professores não podem esquecer ou fingir que nada acontece na relação de amizade dos filhos, pois no grupo de colegas e amigos (as), possuem “rivais” que podem influenciá-los. É justamente a omissão ou o descaso dos pais em situações-chaves, que surgem os conflitos familiares. A indiferença equivale a uma renúncia perigosa ao papel que eles deveriam exercer: o de educar seus filhos; que é a essência da família, afirma Silva (2010).

Pesquisas relatadas no estudo de Cia, D’Affonseca e Barham, 2004, destacam que a participação ativa dos pais na vida escolar de seus filhos trazem benefícios, fazendo com que o diálogo estabeleça uma relação sadia e segura entre ambos. As escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. Para isso é necessário uma modificação ampla, começando pela organização institucional até os métodos de ensino e estudo (SILVA, 2010).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste estudo decidiu-se por um desenho metodológico de Revisão de Literatura. Esta é uma técnica de pesquisa descritiva que é utilizada com frequência pela área da educação (THOMAS e NELSON, 2002).

O levantamento bibliográfico foi realizado no período de Novembro de 2010 à Junho de 2011, onde se buscou informações a partir de resultados de pesquisas em artigos científicos nas bases de dados, SCIELO, LILACS e GOOGLE ACADÊMICO, além de livros publicados sobre o assunto nos últimos 10 anos.

A busca nos bancos de dados foi realizada utilizando palavras-chave como *Bullying*, Educação Física Escolar e Violência na escola.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relacionados às palavras chave utilizadas no levantamento teórico da presente pesquisa, foram revisados 26 artigos científicos e 8 livros. Desses 32,4% trabalhos versavam de forma específica sobre o tema bullying em suas diversas manifestações, 29,4% tratavam sobre o tema violência da escola e 35,3% sobre a educação física escolar. Todavia somente 2,9% dos trabalhos não eram inerentes a nenhum desses temas.

A tabela 1 apresenta de forma mais clara os valores expressos acima.

Tabela 1. Distribuição por tema dos artigos e livros pesquisados para pesquisa.

Temas Pesquisados	Quantidade de referências encontradas
Bullying	11
Violência na escola	10
Educação Física Escolar	12
Outros	1

A primeira constatação importante que se pode fazer após a leitura crítica do referencial teórico levantado para essa pesquisa é que a agressão no ambiente escolar é um fenômeno mundial tão antigo quanto a escola. E que de acordo com Fante (2005) somente no início da década de 1970 aconteceram os primeiros esforços para o estudo dessa problemática, assim para esse mesmo autor o termo *bullying* tem sido usado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Contudo autores como Antunes e Zuin (2008), Placios e Rego (2006) e ABRAPIA (2006) corroboram que o *bullying* se aproxima do conceito de preconceito, pois se reflete sobre os fatores sociais que determinam os grupos-alvo, e sobre os indicativos da função psíquica para aqueles considerados como agressores.

Dentro da escola os casos de violência se caracterizam, segundo Carrano (2009), como um problema social e são classificados como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno. Tal assertiva encontra respaldo quando se observa Moreira (2010), Gomide (2009) e Silva (2010) que afirmam que o adolescente traz para a escola a sua própria vivência e história de vida, e dessa forma, as condutas agressivas são produtos de como esses meninos e meninas se vêem diante desse meio e constroem suas personalidades integrando tudo aquilo que foram valorizando durante suas vidas (TOGNETTA e VINHA, s.d.).

Tomando-se por base autores como Schreiber, Scopel e Andrade (2005) pode-se afirmar que a educação física escolar engloba o conhecimento e desenvolvimento de seus alunos, não só pela capacidade motora, mas também pelo desenvolvimento da capacidade de transformação pessoal. Tal afirmação eleva o status da educação física escolar de uma simples atividade na escola para um poderosa ferramenta de prevenção ao *bullying*, uma vez que pesquisadores como Ferraz (2004), Schreiber, Scopel e Andrade (2005), afirmam que a ação do professor de educação física é orientada por uma abordagem holística, se caracterizando por uma intervenção preventiva e pedagógica. Ainda acerca disto Botelho e Souza (2007) defendem que estratégias de combate ao *bullying* devem ser iniciadas ainda na educação infantil, sendo inseridas como conteúdo específico da disciplina de educação física no ensino fundamental e médio, fato que comprova de forma veemente a importância da educação física nas séries iniciais.

Nesse contexto, Betti (1997) diz que a educação física, por ser conhecida como matéria interdisciplinar pode trabalhar assuntos transversais sem fugir do que a LDB objetiva para as aulas de educação física escolar. Nesse sentido, Oliveira (2004) aponta alguns projetos que se valeram das aulas de educação física para minimizar a indisciplina escolar. A disciplina educação física foi escolhida para os referidos projetos por possibilitar uma maior proximidade com o aluno devido ao contato físico, ao maior espaço disponível na sala de aula (quadra), à maior desinibição dos alunos, à maior aceitação dos conteúdos e da disciplina e a uma maneira quase sempre diferente do aluno “ver” e “sentir” o professor de educação física dentro do contexto escolar.

Todos os projetos apresentados na pesquisa obtiveram resultados significativamente positivos no que diz respeito a redução dos casos de indisciplina, agressão e vandalismo na escola onde foram implantados.

5. CONCLUSÃO

Findada a análise crítica de todo referencial teórico pesquisado para o presente estudo, pode-se concluir com certa segurança que o termo bullying apesar de ser relativamente recente define um fenômeno bastante antigo, sendo caracterizado não apenas pela violência física, mas por qualquer tipo de opressão ou coação de um indivíduo para outro.

Muitas vezes os atos classificados como bullying na escola são reflexos de problemas sociais que envolvem a família e/ou o meio social onde os agressores estão inseridos.

Das disciplinas que formam a grade curricular regular das escolas, a educação física, por meio do professor de educação física, parece ser a que melhor reúne meios de implementar estratégias que visem prevenir casos de bullying na escola.

Dessa forma conclui-se com base no material científico existente sobre o tema bullying na escola que a hipótese levantada para estudo que o professor de educação física pode ser um agente importante de enfrentamento do *bullying* na escola parece ser verdadeira.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M G. *Marcas de gênero na escola: sexualidade e violências/discriminações nas representações de alunos e professores*. Seminário sobre Gênero e Educação - Educar para a igualdade, 2003. Disponível na internet: <http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/7.pdf>.

ABRAPIA- Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro, 2003.

ANTUNES, D C; ZUIN, A A S. *Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação*. Psicologia & Sociedade- Revista da ABRAPSO. Porto Alegre, 2008.

ASSIS, S G; CONSTANTINO, P; AVANCI Q J. *Impactos da violência na escola- um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação- Editora FIOCRUZ, 2010.

BETTI, M; ZULIANI, L R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 2002.

BETTI, M. *A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1997.

BOTELHO, G R; SOUZA C J M. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 2007.

CARRANO, P. *UFF Debate Brasil- Violência nas escolas*. Rio de Janeiro, 2009.

CARVALHOSA, S F; LIMA, L; MATOS, M G. *Bullying- A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português*. Análise Psicológica, 2001.

COSTA, J A. *Violência nas aulas de educação física. Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2007. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/Monografia%20Julio%20Alves%20Costa.pdf> Acessado em:

CHAVES, W M. *Fenômeno Bullying e a Educação Física Escolar*. Brasil, 2006.

CIA, F; D’AFFONSECA, S M; BARHAM, E J. A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Revista Paidéia*, 14(29), 277-286, 2004.

DAYRELL, J; CARRANO, P C R. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. s.d. 2p. Disponível em: http://www.uff.br/obsjovem/mambo/images/stories/Documentos/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf. Acesso em: 24 de novembro de 2011.

OLIVEIRA, J E. Costa de. *O Papel da Disciplina de Educação Física na Minimização da Indisciplina Escolar*. Brasil, 2004.

OLIVEIRA, M R R; PIRES, G L. O Primeiro Olhar: experiência com imagens na Educação Física Escolar. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, janeiro, 2005.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. Ed ver. E ampl. - Campinas: Verus Editora, 2005.

FERRAZ, O L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade- a questão da pré-escola. *Revista virtual EFArtigos* - Natal/RN - volume 01 - número 24 - abril – 2004.

FURTADO, D S; MORAIS, P J S. Bullying nas aulas de Educação Física e o papel do Professor. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 15, Nº 147, Agosto de 2010.

GOMIDE, R. *Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano- currículo em debate: currículo e práticas culturais. As áreas do conhecimento. Parte 1, cap. 3*. Goiânia, 2009.

GOMIDE, P I C. A Influência de Filmes Violentos em Comportamento Agressivo de Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, vol.13, n.1, 2000.

LISBOA, C S M. *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. Programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2005.

LOPES NETO, A A. Bullying, comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* - Vol. 81, Nº5(supl), Brasil, 2005.

MAGALHÃES, E; ARANTES, A C. A competência profissional e o professor de Educação Física. *EFdePortes Revista Digital*, Buenos Aires, ano 13, nº 128, Janeiro, 2009.

MOREIRA, M A. *Aprendizagem significativa crítica*. 4/5p. e 7p, 2010. Disponível em: <<http://moreira.if.ufrgs.br/apsigcritport.pdf>>. Acesso em: 24 de novembro de 2011.

NETO, A. L. *Diga não para o bullying*. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2004.

NUNES, T C; COUTO, Y A. *Educação Física Escolar e Cultura corporal de movimento no processo educacional*. s.n.t

PALÁCIOS, M; REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro, v.30, nº1- Jan/Abr.- 2006.

PETARNELLA, D; VENDITTI JÚNIOR, R; MARTINS, L T; VENDITTI, A C. A utilização de filmes como recurso didático nas aulas de Educação Física Escolar. *EFDPortes Revista Digital*, Buenos Aires, ano 14, nº 139, 2009.

SCHREIBER, M.B., SCOPEL, E.J. ANDRADE, A. A abordagem holística no contexto da agressividade de crianças em educação física. *EFDPortes Revista Digital*, Buenos Aires: ano 10 n.86, Julho, 2005.

SILVA, B A B. *Mentes perigosas nas escolas- Bullying*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2010.

SIQUEIRA, R A. *A problemática do Bullying na prática docente*. Publicado no site www.webartigos.com, 2008.

TEIXEIRA, G. *Transtornos Comportamentais na Infância e Adolescência*. 1ª reimpressão- Rio de Janeiro, Editora Rubio, 2006.

TOGNETTA, L R P; VINHA, T P. *Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas*. s.n.t

THOMAS, J R.; NELSON, J K.: *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*, 3ª edição, editora ARTMED, 2002.